

CURSO DE FORMAÇÃO



**CENTENÁRIO DA
GRANDE REVOLUÇÃO
SOCIALISTA DE
OUTUBRO**

VOLUME II

**A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A TÁTICA
DOS COMUNISTAS RUSSOS
JOSEF STALIN**

MOVIMENTO ESTUDANTIL POPULAR REVOLUCIONARIO
www.meprbrasil.com.br



APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2017, revolucionários de todo o mundo celebram os 100 anos da tomada do Poder pelo proletariado russo. A Grande Revolução Socialista de Outubro em 1917 marcou uma virada na história da humanidade, o fim da era do monopólio do Poder político pela burguesia e outras classes reacionárias e o início de uma nova era: a **Era das Revoluções Proletárias!**

Dirigido pelo Partido Comunista da Rússia (bolchevique) - P.C.R. (b), sob a chefatura do Grande Lenin, por meio da violência revolucionária, o proletariado russo assaltou os céus. Como chefe do Partido, Lenin teve o papel fundamental de liderar a vanguarda revolucionária para cumprir a tarefa histórica de derrotar o império feudal czarista na Rússia, abrindo caminho para o proletariado conquistar o Poder em todo o mundo.

Obra de uma luta prolongada do proletariado russo, o estabelecimento do destacamento de vanguarda do proletariado, o Partido Comunista de Novo Tipo, teve em Lenin sua principal expressão. Derrotando as posições revisionistas dos mencheviques e de outras frações não proletárias, comprovou que o combate do imperialismo dissociado do combate ao oportunismo não passa de fraseologia oca.

Pela primeira vez, o proletariado, dirigido pelo Partido Comunista, triunfou em sua luta de morte contra o imperialismo e estabeleceu a ditadura do proletariado tendo como base a aliança operário-camponesa.

A partir desta experiência histórica, que foi sistematizada pelo Grande Camarada Stalin em sua obra “Fundamentos do Leninismo”, povos do mundo inteiro lançaram-se mais audazmente e com mais

clareza para a batalha contra a exploração e opressão do capitalismo imperialista.

Como parte das celebrações internacionais do centário da Grande Revolução Socialista de Outubro, o **MEPR** publica o presente Curso de Formação em dois volumes.

No primeiro volume, apresentamos a síntese do desenvolvimento histórico da Revolução Russa e da edificação socialista na União Soviética a partir da compilação do resumo de cada um dos doze capítulos do “Compêndio” - História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS, editado pelo Comitê Central do PC(b) da URSS sob direção do Camarada Stalin, disponível para download em nosso site.

No segundo volume, incluímos na íntegra o texto *A Revolução de Outubro e a Tática dos Comunistas Russos*, de autoria do próprio Camarada Stalin, apresentando os principais aspectos, do ponto de vista do marxismo-leninismo, que levaram os comunistas russos à tomada do Poder e à destruição da velha ordem capitalista de opressão e exploração.

Companheiros e companheiras!

Tomemos em nossas mãos está grande experiência! Aprendamos com ela e colhemos seus frutos. As lições da Grande Revolução Socialista de Outubro são imperecedoras, jamais se perderão com o tempo! Hoje, mais do que nunca, em meio à grave crise do capitalismo burocrático no nosso país e profunda crise geral do sistema imperialista, vemos perspectivas brilhantes para forjar o Novo Mundo em meio à situação revolucionária que se desenvolve em todo o planeta. **Trilhemos o brilhante rumo luminoso de Outubro! Espalhemos as labaredas da Revolução de Nova Democracia Ininterrupta ao Socialismo!**

VIVA O CENTENÁRIO DA GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO!

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A TÁTICA DOS COMUNISTAS RUSSOS★

J. V. STÁLIN
(17 DE DEZEMBRO DE 1924)⁽¹⁾

I. As Condições Externas e Internas da Revolução de Outubro

Três circunstâncias de ordem externa determinaram a relativa facilidade com que a revolução proletária na Rússia pôde romper as cadeias do imperialismo e derrubar, desse modo, o poder da burguesia.

Em primeiro lugar, a circunstância de que a Revolução de Outubro começou num período de luta desesperada entre os dois principais grupos imperialistas – o anglo-francês e o austro-germânico – no momento em que estes grupos, empenhados um contra o outro em luta mortal, não tinham nem tempo nem meios, para dispensar atenção séria à luta contra a Revolução de Outubro. Esta circunstância teve enorme importância para a Revolução de Outubro, pois lhe permitiu aproveitar os violentos conflitos internos do imperialismo para consolidar e organizar as suas forças.

Em segundo lugar, a circunstância de que a Revolução de Outubro começou durante a guerra imperialista, quando as massas trabalhadoras, extenuadas pela guerra e ansiosas pela paz, foram levadas, pela própria lógica das coisas, à revolução proletária, como único meio de sair da guerra. Esta circunstância teve importância imensa para a Revolução de Outubro, porque pôs nas suas mãos a poderosa arma da paz, que tornava mais fácil conjugar a revolução soviética com o fim da guerra odiosa, e lhe granjeou a simpatia tanto das massas operárias do Ocidente como dos povos oprimidos do Oriente.

Em terceiro lugar, a existência de um poderoso



Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lênin e Josef Stalin

movimento operário na Europa e o fato de que, no Ocidente e no Oriente, amadurecia uma crise revolucionária resultante da prolongada guerra imperialista. Esta circunstância teve para a Revolução na Rússia importância inestimável, pois lhes assegurou, fora da Rússia, aliados fiéis na sua luta contra o imperialismo mundial.

Mas, além das circunstâncias de ordem externa, a Revolução de Outubro foi favorecida por toda uma série de condições internas, que lhe facilitaram o triunfo.

Entre essas condições, as principais são as seguintes:

Primeira. A Revolução de Outubro contou com o mais ativo apoio da imensa maioria da classe operária da Rússia.

Segunda. Contou com o apoio firme dos camponeses pobres e da maioria dos soldados,



ansiosos pela paz e pela terra.

Terceira. Tinha à sua frente, como força dirigente, um Partido tão provado como o Partido bolchevique, forte não só pela sua experiência e por uma disciplina temperada durante anos, mas também por laços infinitos com as massas trabalhadoras.

Quarta. A Revolução de Outubro enfrentava inimigos relativamente fáceis de vencer, como a burguesia russa, mais ou menos débil, a classe dos latifundiários, totalmente desmoralizada pelos “motins” camponeses, e os partidos conciliadores (o partido dos mencheviques e o partido dos social-revolucionários) completamente falidos no transcurso da guerra.

Quinta. Dispunha dos imensos espaços do jovem Estado, sobre os quais podia manobrar livremente, retirar-se quando a situação o exigisse, tomar alento, recompor as suas forças, etc.

Sexta. A Revolução de Outubro podia contar, na sua luta com a contra-revolução, com suficientes reservas de gêneros alimentícios, de combustíveis e de matérias-primas, no interior do país.

Esse conjunto de circunstâncias externas e internas criou uma situação peculiar, que determinou a relativa facilidade da vitória da Revolução de Outubro.

Isto não significa, naturalmente, que a Revolução de Outubro não tenha tido os seus pontos fracos, nas condições externas e internas em que se desenvolveu. Que dizer, por exemplo, de um ponto débil como foi o relativo isolamento da Revolução de Outubro, a falta ao seu lado e nas suas vizinhanças de um país soviético em que pudesse apoiar-se? Não há dúvida de que uma futura revolução, por exemplo, na Alemanha, encontraria, desse ponto de vista, uma situação mais vantajosa, pois teria nas suas proximidades um país soviético tão forte como a nossa União Soviética. E já não falo de outro

ponto débil da Revolução de Outubro, como seja a ausência de uma maioria proletária no país.

Mas estas circunstâncias desfavoráveis não fazem senão salientar a enorme importância da peculiaridade das condições internas e externas da Revolução de Outubro, de que falamos acima.

Nem por um instante se deve esquecer essa peculiaridade. Sobretudo, é necessário tê-la em mente quando se faz a análise dos acontecimentos de 1923, na Alemanha. Deve recordá-la sobretudo Trotski, que estabelece uma analogia grosseira entre a Revolução de Outubro e a revolução na Alemanha e flagela sem piedade o Partido Comunista Alemão pelos seus erros reais e imaginários.

“Na Rússia, – diz Lênin – na situação concreta e historicamente originalíssima de 1917, foi fácil iniciar a revolução socialista, mas continuá-la e levá-la a termo será para a Rússia mais difícil do que para os países europeus. Já em começos de 1918 tive ocasião de assinalar esse fato, e a experiência dos dois anos transcorridos desde então confirmou por completo a exatidão desse modo de ver. Condições específicas como:

1. a possibilidade de ligar a revolução soviética ao fim (graças à própria revolução) da guerra imperialista, que impunha sofrimentos indescritíveis aos operários e aos camponeses;

2. a possibilidade de aproveitar, por certo tempo, a luta de morte entre os dois grupos de tubarões imperialistas de poderio mundial, que não podiam unir-se contra o inimigo soviético;

3. a possibilidade de sustentar uma guerra civil relativamente longa, em parte graças à enorme extensão do país e aos escassos meios de comunicação;

4. a existência entre os camponeses de um movimento revolucionário democrático-burguês tão profundo, que o Partido do proletariado fez suas as reivindicações revolucionárias do partido dos camponeses (o partido social-revolucionário, francamente hostil, na sua maioria, ao bolchevismo) e as realizou imediatamente, graças à conquista do Poder político pelo proletariado, tais condições específicas não existem, hoje, na Europa Ocidental, nem é muito fácil que elas ou outras semelhantes se apresentem uma vez mais. Eis por que, entre outros fatores e prescindindo de uma série de outras causas, iniciar a revolução socialista é mais difícil para a Europa Ocidental do que o foi para nós”. (Vide vol. XXV, pág. 205).

Estas palavras de Lênin não devem ser esquecidas.

II. Duas particularidades da Revolução de Outubro, ou Outubro e a teoria da revolução “permanente” de Trotski

Há duas particularidades da Revolução de Outubro, que é indispensável esclarecer, sobretudo para compreender o sentido intrínseco e o alcance desta revolução.

Que particularidades são essas?

A **primeira** reside no fato de que a ditadura do proletariado nasceu, no nosso país, como um Poder surgido sobre a base da aliança do proletariado e das massas trabalhadoras camponesas, sendo estas últimas dirigidas pelo proletariado. A segunda reside no fato de que a ditadura do proletariado se consolidou entre nós como resultado da vitória do socialismo num só país, pouco desenvolvido, do ponto de vista capitalista, enquanto o capitalismo continua a existir nos outros países, mais desenvolvidos, do ponto de vista capitalista. Isto não significa, naturalmente, que a Revolução de Outubro não tenha tido outras particularidades. Mas, hoje, as que possuem maior importância, para nós, são precisamente essas duas particularidades, não somente porque exprimem com nitidez a essência da Revolução de Outubro, mas também porque revelam luminosamente a natureza oportunista da teoria da “revolução permanente”.

Examinemos sucintamente estas particularidades.

O problema das massas trabalhadoras da pequena burguesia, urbana e rural, o problema de fazer com que essas massas passem para o lado do proletariado, é o problema mais importante da revolução proletária. A quem dará o seu apoio, na luta pelo Poder, a população trabalhadora das cidades e do campo: à burguesia ou ao proletariado? Será reserva de quem: da burguesia ou do proletariado? A sorte da revolução e a solidez da ditadura do proletariado dependem disso. As revoluções de 1848 e de 1871, na França, foram levadas à derrota, sobretudo, porque as reservas camponesas ficaram ao lado da burguesia. A Revolução de Outubro triunfou, porque soube arrebatar à burguesia as suas



reservas camponesas, porque soube conquistá-las para o proletariado, e o proletariado era nesta revolução a única força capaz de dirigir as massas de milhões e milhões de trabalhadores das cidades e do campo.

Quem não tiver compreendido isso não compreenderá jamais nem o caráter da Revolução de Outubro, nem a natureza da ditadura do proletariado, nem as particularidades da política interna do nosso Poder proletário. A ditadura do proletariado não é uma simples elite governamental, “habilmente” “selecionada” pela mão solicita de um “experimentado estrategista” e que “se apóia sabiamente” nestas ou naquelas

camadas da população. A ditadura do proletariado é a aliança de classe do proletariado com as massas trabalhadoras camponesas para derrubar o capital, pela vitória definitiva do socialismo, com a condição de que a força dirigente desta aliança, seja o proletariado.

Não se trata, por conseguinte, nesse caso, de subestimar “um pouquinho” ou de sobreestimar “um pouquinho” as possibilidades revolucionárias do movimento camponês, como agora gostam de se exprimir certos defensores diplomáticos da “revolução permanente”. Trata-se da natureza do novo Estado proletário, surgido da revolução de Outubro. Trata-se do caráter do Poder proletário, das bases da própria ditadura do proletariado.

“A ditadura do proletariado – disse Lênin – é a forma particular da aliança de classe entre o proletariado, vanguarda dos trabalhadores, e as numerosas camadas não proletárias de trabalhadores (pequena burguesia, pequenos proprietários, intelectuais, etc.), ou a maioria delas, aliança dirigida contra o capital, aliança que tem por fim a derrubada completa do capital, o total esmagamento da resistência da burguesia e das suas tentativas de restauração, aliança que tem por fim a instauração e a consolidação definitivas do socialismo”. (Vide

vol. XXIV, pág. 311).

E, mais adiante:

“A ditadura do proletariado, se se traduz esta expressão latina, científica, histórico-filosófica, em linguagem mais simples, quer dizer o seguinte: só uma classe determinada, precisamente, os operários das cidades e, em geral, os operários das fábricas, os operários industriais, está em condições de dirigir a massa dos trabalhadores e dos explorados na luta para abater o jugo do capital, de dirigi-los no próprio curso dessa derrubada, na luta para manter e consolidar a vitória, na criação de um novo regime social, de um regime socialista, em toda a luta pela supressão completa das classes”. (Vide vol. XXIV, pág.)

Essa é a teoria da ditadura do proletariado, como foi formulada por Lênin.



Uma das particularidades da Revolução de Outubro consiste no fato de que esta revolução é uma aplicação clássica da teoria leninista da ditadura do proletariado.

Alguns camaradas acreditam que essa teoria é uma teoria exclusivamente “russa”, que só diz respeito à realidade russa. É falso. É inteiramente falso. Falando das massas trabalhadoras das classes não proletárias, guiadas pelo proletariado, Lênin

se refere não somente aos camponeses russos, mas também aos trabalhadores das regiões periféricas da União Soviética, que ainda recentemente eram colônias da Rússia. Lênin não se cansava de repetir que, sem uma aliança com essas massas de outras nacionalidades, o proletariado da Rússia não poderia vencer. Nos seus artigos sobre a questão nacional e nos discursos pronunciados nos Congressos da Internacional Comunista, Lênin repetiu mais de uma vez que o triunfo da revolução mundial é impossível sem a aliança revolucionária, sem o bloco revolucionário do proletariado dos países avançados com os povos oprimidos das colônias escravizadas. Mas que são as colônias senão estas mesmas massas trabalhadoras oprimidas e, sobretudo, as massas trabalhadoras camponesas? Quem não sabe que o problema da libertação das colônias é, **em essência**, o problema da libertação das massas trabalhadoras das classes não proletárias do jugo e da exploração do capital financeiro?

Mas daí se conclui que a teoria leninista da ditadura do proletariado não é uma teoria exclusivamente “russa”, porém uma teoria obrigatória para todos os países. O bolchevismo não é um fenômeno exclusivamente russo. “O bolchevismo – disse Lênin – é um **modelo de tática válido para todos**”. (Vide vol. XXIII, pág. 386).

Tais são os traços que caracterizam a primeira particularidade da Revolução de Outubro.

Que se pode dizer da teoria da “revolução permanente” de Trotski, do ponto de vista desta particularidade da Revolução de Outubro?

Não vamos estender-nos sobre a posição de Trotski em 1905, quando se esqueceu, “simplesmente”, dos camponeses como força revolucionária, ao lançar a palavra de ordem: “sem o czar, por um governo operário”, isto é, a palavra de ordem de uma revolução sem os camponeses. Até mesmo Radek, este defensor diplomático da “revolução permanente”, é hoje obrigado a reconhecer que a “revolução permanente”, em 1905, significava um “salto no vazio”, fora da realidade. Hoje, segundo parece, todos reconhecem que não vale a pena perder tempo com este “salto no vazio”.

Não nos estenderemos tampouco sobre a posição de Trotski no período da guerra, por exemplo, em 1915, quando no seu artigo “A luta pelo Poder”, considerando que “vivemos na época do imperialismo”, que o imperialismo “não contrapõe a nação burguesa ao velho regime, mas o proletariado à nação burguesa”, chegava a conclusão de que o papel revolucionário dos camponeses devia diminuir



e de que a palavra de ordem do confisco da terra já não tinha a importância de antes. É sabido que Lênin, analisando esse artigo de Trotski, acusava-o de “negar” o “papel dos camponeses”, dizendo que “Trotski, de fato ajuda os politikeiros operários liberais da Rússia, para os quais “negação” do papel dos camponeses quer dizer a *recusa* de sublevar os camponeses para a revolução! “(Vide vol. XVIII, pág. 318).

É melhor passarmos aos trabalhos mais recentes de Trotski sobre este problema, aos trabalhos do período em que a ditadura do proletariado já tinha conseguido consolidar-se e no qual Trotski tinha a possibilidade de verificar, na prática, a sua teoria da “revolução permanente” e de corrigir os seus erros. Tomemos o *Prefácio* de Trotski ao livro 1905, escrito em 1922. Eis o que diz Trotski, nesse *Prefácio*, sobre a “revolução permanente”:

“Precisamente no período compreendido entre 9 de janeiro e a greve de outubro de 1905, se desenvolveram na mente do autor as concepções sobre o caráter do desenvolvimento revolucionário da Rússia que receberam o nome de teoria da “revolução permanente”. Esta denominação abstrusa exprimia a idéia de que a revolução russa, diante da qual se levantam de imediato objetivos burgueses, não poderá, entretanto, limitar-se a eles.

A revolução não poderá cumprir as suas tarefas burguesas imediatas senão colocando no Poder o proletariado. E este último, ao tomar o Poder nas suas mãos, não poderá ficar nos limites burgueses da revolução. Ao contrário, e precisamente para assegurar a sua vitória, a vanguarda, proletária deverá, desde os primeiros dias do seu domínio, golpear profundamente não somente a propriedade feudal, mas também a burguesia. Este modo de proceder a levará a *choques hostis* não somente com *todos* os grupos da burguesia que a apoiaram nos primeiros momentos da sua luta revolucionária, mas também *com as grandes massas camponesas*, com a ajuda das quais chegou ao Poder. As contradições, na situação do governo operário de um país atrasado, em que a maioria esmagadora da

população se compõe de camponeses, só poderão ser solucionadas em escala internacional, na arena da revolução mundial do proletariado”.

Assim fala Trotski da sua “revolução permanente”.

Basta comparar essa passagem com os trechos citados das obras de Lênin sobre a ditadura do proletariado, para compreender o abismo que separa a teoria leninista sobre a ditadura do proletariado da teoria da “revolução permanente” de Trotski.

Lênin fala da *aliança* do proletariado com as camadas de camponeses trabalhadores como sendo a base da ditadura do proletariado. Trotski, ao contrário, fala de “*choques hostis*” “da vanguarda proletária” com as “grandes massas camponesas”.

Lênin fala da direção, pelo proletariado, das massas trabalhadoras e exploradas. Trotski, ao contrário, fala das “*contradições*”, na situação do governo operário de um país atrasado, em que a maioria esmagadora da população se compõe de camponeses”.

Segundo Lênin, a revolução recruta as suas forças sobretudo entre os operários e os camponeses da própria Rússia. Trotski, ao contrário, diz que as forças necessárias só podem ser reunidas “na arena da revolução mundial do proletariado”.

Mas, que fazer se a revolução mundial chegar com atraso? Restará à nossa revolução algum raio de esperança? Trotski não nos deixa nenhum raio de esperança, porque “as contradições, na situação do governo operário..., só poderão encontrar a sua solução... na arena da revolução mundial do proletariado”. Segundo esse plano, não restará à nossa revolução senão uma perspectiva: vegetar nas próprias contradições e apodrecer em vida, à espera da revolução mundial.

Que é, segundo Lênin, a ditadura do proletariado?

A ditadura do proletariado é um Poder que se apóia na aliança do proletariado com as massas trabalhadoras camponesas para a “derrubada completa do capital”, para “a instauração e a consolidação definitiva do socialismo”.

Que é, segundo Trotski, a ditadura do proletariado?

A ditadura do proletariado é um Poder que chega a “choques hostis” com “as grandes massas camponesas” e procura a solução das “contradições” *somente* “na arena da revolução mundial do proletariado”.

Que é que distingue esta “teoria da revolução permanente” da conhecida teoria menchevique que nega a idéia da ditadura do proletariado?

Nada, em essência.

Não há dúvida: a “revolução permanente” não é uma simples subestimação das possibilidades revolucionárias do movimento camponês. A “revolução permanente” é uma subestimação tal do movimento camponês, que leva à negação da teoria leninista da ditadura do proletariado.

A “revolução permanente” de Trotski é uma variedade do menchevismo.

Assim se apresenta a primeira particularidade da Revolução de Outubro.

Quais são os traços que caracterizam a segunda particularidade da Revolução de Outubro?

Estudando o imperialismo, especialmente no período da guerra, Lênin estabeleceu a lei do desenvolvimento econômico e político desigual, aos saltos, dos países capitalistas. Segundo esta lei, o desenvolvimento das empresas, dos trustes, dos ramos da indústria e dos diferentes países não se processa de modo igual, segundo uma ordem estabelecida, de modo que um truste, um ramo da indústria ou um país ocupem sempre o primeiro posto e os outros trustes ou países venham à retaguarda, de acordo com uma ordem determinada, mas se processa aos saltos, com interrupções no desenvolvimento de uns países e saltos para a frente no desenvolvimento de outros. Ademais, a aspiração “de todo legítima” dos países que ficam à retaguarda de conservar as suas velhas posições, e a não menos “legítima” aspiração dos países que deram passos à frente de apoderar-se de novas posições tornam uma necessidade inelutável os conflitos armados entre os países imperialistas. Assim ocorreu, por exemplo, com a Alemanha, que há meio século era, em comparação com a França e a Inglaterra, um país atrasado. O mesmo se pode dizer do Japão, em comparação com a Rússia. É sabido, porém, que já em começos do século XX a Alemanha e o Japão tinham dado tais passos à frente, que a primeira conseguiria ultrapassar a França e começava a suplantá-la no mercado mundial, enquanto o segundo estava deixando a Rússia para trás. Dessas contradições, como é sabido, surgiu a recente guerra imperialista.

Esta lei parte do fato de que:

1. “O capitalismo se transformou em sistema mundial de opressão colonial e de estrangulamento financeiro da esmagadora maioria da população do mundo por obra de um punhado de países “avançados””. (Vide o prefácio à edição francesa do “Imperialismo...”, de Lênin, vol. XIX, pág. 74).

2. “A repartição do “botim” se efetua entre duas

ou três potências rapaces, e armadas até os dentes, que dominam o mundo (Estados Unidos, Inglaterra, Japão) e que arrastam à sua guerra, pela repartição do seu botim, o mundo inteiro”.

3. O desenvolvimento dos antagonismos no seio do sistema mundial da opressão financeira e a inevitabilidade dos conflitos armados fazem com que a frente mundial do imperialismo se torne facilmente vulnerável para a revolução e seja provável a ruptura desta frente por parte de certos países.

4. Esta ruptura pode verificar-se com maior probabilidade naqueles pontos e naqueles países onde a cadeia da frente imperialista for mais débil, isto é, onde o imperialismo esteja menos fortalecido e a revolução possa desenvolver-se mais facilmente.

5. Por isso, a vitória do socialismo num só país – mesmo que este país seja menos desenvolvido, do ponto de vista capitalista, e o capitalismo continue a manter-se noutros países, mais desenvolvidos do ponto de vista capitalista – é perfeitamente possível e provável.

Tais são, em síntese, os princípios da teoria leninista da revolução proletária.



A segunda particularidade da Revolução de Outubro consiste no fato de que esta revolução é um modelo de aplicação prática da teoria leninista

da revolução proletária.

Quem não tiver compreendido essa particularidade da Revolução de Outubro não compreenderá jamais nem a natureza internacional desta revolução, nem a sua gigantesca força internacional, nem as particularidades da sua política exterior.



“A desigualdade do desenvolvimento econômico e político – disse Lênin – é uma lei absoluta do capitalismo. Dai se deduz que é possível a vitória do socialismo, de início, em alguns países capitalistas ou mesmo num só país capitalista, tomado isoladamente. O proletariado vitorioso desse país, depois de expropriar os capitalistas e de organizar no seu país a produção socialista, se confrontaria com o resto do mundo capitalista, atraindo para o seu lado as classes oprimidas dos outros países, estimulando-as à luta contra os capitalistas, intervindo, caso necessário, também com a força armada contra as classes exploradoras e os seus Estados”. Com efeito, “a livre união das nações no socialismo é impossível sem uma luta tenaz, mais ou menos prolongada, das repúblicas socialistas contra os Estados atrasados”. (Vide vol. XVIII, págs. 232-233).

Os oportunistas de todos os países afirmam que a revolução proletária – posto que ela, segundo a sua teoria, deve, em geral, começar em qualquer lugar – só pode ter início nos países industrialmente desenvolvidos e que, quanto mais desenvolvidos forem estes países, do ponto de vista industrial, maiores são as possibilidades da vitória

do socialismo. Por conseguinte, a possibilidade da vitória do socialismo num só país, em particular se pouco desenvolvido do ponto de vista capitalista, é por eles excluída como coisa absolutamente inverossímil. Já durante a guerra Lênin, partindo da lei do desenvolvimento desigual dos Estados imperialistas, opunha aos oportunistas a sua teoria da revolução proletária, que admite a vitória do socialismo num só país, mesmo que este país seja menos desenvolvido do ponto de vista capitalista.

É sabido que a Revolução de Outubro confirmou por completo a justeza da teoria leninista da revolução proletária.

Que podemos dizer da “revolução permanente” de Trotski, do ponto de vista da teoria leninista sobre a vitória da revolução proletária num só país?

Tomemos o folheto de Trotski: “A nossa revolução” (1906).

Diz Trotski:

“Sem o apoio estatal direto do proletariado europeu, a classe operária da Rússia não poderá manter-se no Poder, nem transformar o seu domínio provisório numa ditadura socialista duradoura. Não se pode duvidar disso por um instante sequer”.

Que diz esta citação?

Justamente que a vitória do socialismo num só país, a Rússia, neste caso, é impossível “sem o apoio estatal direto do proletariado europeu”, ou seja, enquanto o proletariado europeu não conquistar o Poder.

Que há de comum entre essa “teoria” e a tese de Lênin sobre a possibilidade da vitória do socialismo “num só país capitalista, tomado isoladamente”?

E claro que não há nada de comum.

Mas admitamos que este folheto de Trotski, publicado em 1906, quando era difícil definir o caráter da nossa revolução, contenha erros involuntários e não corresponda de todo às idéias de Trotski em período mais recente.

Examinemos outro folheto de Trotski, o seu “Programa de Paz”, apreciado antes da Revolução de Outubro de 1917 e reeditado agora (1924) no livro “1917”. Nesse folheto, Trotski critica a teoria leninista da revolução proletária, que admite a vitória do socialismo num só país, opondo-lhe a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa. Afirma Trotski que a vitória do socialismo num país é impossível; que a vitória do socialismo só é possível como vitória em alguns dos principais países da Europa (Inglaterra, Rússia, Alemanha), agrupados nos Estados Unidos da Europa, sendo totalmente impossível em caso contrário. Declara

Trotsky com toda clareza que “uma revolução vitoriosa na Rússia ou na Inglaterra é inconcebível sem a revolução na Alemanha, e vice-versa”.



“A única objeção histórica mais ou menos concreta – diz Trotsky – contra a palavra de ordem dos Estados Unidos foi formulada no jornal “Sotzial-Demokrat” da Suíça (órgão central dos bolcheviques naquele período, (J. St.) nestes termos: “A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo”. Daí deduzia o “Sotzial-Demokrat” que a vitória do socialismo num só país é possível e que, por isso, não há razão para condicionar a ditadura do proletariado num só Estado à criação dos Estados Unidos da Europa. Que o desenvolvimento capitalista dos diversos países seja desigual é uma constatação absolutamente indiscutível. Mas esta desigualdade é, ela mesma, sumamente desigual. O nível capitalista da Inglaterra, da Áustria, da Alemanha ou da França não é o mesmo. Mas, em comparação com a África ou a Ásia, todos esses países representam uma “Europa” capitalista amadurecida para a revolução social. Que nenhum país deve “aguardar” os outros na sua luta, é uma idéia elementar que é útil e necessário repetir, a fim de que a idéia de uma ação internacional paralela não seja substituída pela

idéia da passiva espera internacional. Sem aguardar os demais, nós começamos e continuamos a luta no terreno nacional, plenamente certos de que a nossa iniciativa estimulará a luta nos outros países; mas, se isso não ocorrer, é absurdo pensar – assim ensinam a experiência histórica e as considerações teóricas – que, por exemplo, a Rússia revolucionária possa fazer face a uma Europa conservadora, ou que uma Alemanha socialista possa manter-se isolada no mundo capitalista”.

Como vedes, estamos aqui diante da mesma teoria da vitória simultânea do socialismo nos principais países da Europa, teoria que, como regra geral, exclui a teoria leninista da revolução, a qual admite a vitória do socialismo num só país.

Certo é que, para a vitória *completa* do socialismo, para a garantia *completa* contra a restauração da antiga ordem de coisas, se tornam necessários os esforços conjuntos dos proletários de vários países. Certo é que, sem o apoio do proletariado da Europa à nossa revolução, o proletariado da Rússia não teria conseguido resistir à pressão geral, do mesmo modo que o movimento revolucionário do Ocidente, se não tivesse o apoio da revolução russa, não teria conseguido desenvolver-se com o ritmo que adquiriu depois da instauração da ditadura proletária da Rússia. É certo que precisamos de apoio. Mas, que é o apoio do proletariado da Europa Ocidental à nossa revolução? A simpatia dos operários europeus pela nossa revolução, a sua disposição de desbaratar os planos de intervenção dos imperialistas, constitui tudo isso um apoio, uma ajuda séria? Sim, sem dúvida. Sem esse apoio, sem essa ajuda, não só dos operários europeus, mas também das colônias e dos países dependentes, a ditadura proletária da Rússia se veria em situação muito difícil. Não foram suficientes, até agora, esta simpatia e esta ajuda, unidas ao poderio do nosso Exército Vermelho e à decisão dos operários e dos camponeses da Rússia de defender com o seu peito a pátria socialista? Porventura não bastou tudo isso para repelir os ataques dos imperialistas e para conquistar as condições necessárias a um sério trabalho de edificação? Sim, tudo isso foi suficiente. Esta simpatia aumenta ou diminui? Aumenta, sem dúvida. Não existem, por conseguinte, no nosso país, condições favoráveis, não somente para fazer progredir a organização da economia socialista, mas também para dar, por nossa vez, um apoio tanto aos operários da Europa Ocidental quanto aos povos oprimidos do Oriente? Sim, existem. Comprova-o de modo eloqüente a história de sete anos de ditadura proletária na Rússia.

Seria possível negar que o trabalho já tomou no nosso país poderoso impulso? Não, não se pode negá-lo. Que pode significar, depois de tudo isso, a afirmação de Trotski de que a Rússia revolucionária não poderia fazer face a uma Europa conservadora?

Só pode significar uma coisa: em primeiro lugar, Trotski não percebe o poderio interior da nossa revolução; em segundo lugar, Trotski não compreende o valor inestimável do apoio moral que dão à nossa revolução os operários do Ocidente e os camponeses do Oriente; em terceiro lugar, Trotski não se dá conta do mal interior que corrói atualmente o imperialismo.

Arrastado pela sua crítica da teoria leninista da revolução proletária, Trotski, sem perceber, minou o terreno sob seus próprios pés, derrotou-se a si mesmo no seu folheto “Programa de Paz”, aparecido em 1917 e reeditado em 1924.

Mas, quem sabe também esse folheto de Trotski envelheceu e, por alguma razão, não corresponde mais às idéias atuais do autor? Tomemos os trabalhos mais recentes de Trotski, posteriores à vitória da revolução proletária em *um só país*, na Rússia. Tomemos, por exemplo, o “Epílogo” de Trotski à nova edição do folheto “Programa de Paz”, escrito em 1922. Eis o que ele escreve neste “Epílogo”:

“A afirmação, várias vezes repetida, no “Programa de Paz”, de que a revolução proletária não pode terminar vitoriosamente em âmbito nacional, parecerá, talvez, a alguns leitores desmentida pela experiência de quase cinco anos da nossa República Soviética. Mas semelhante conclusão seria infundada.

O fato de que o Estado operário resistiu contra o mundo inteiro num só país, e ademais num país atrasado, demonstra a potência gigantesca do proletariado, que em outros países, mais adiantados, mais civilizados, será capaz de realizar verdadeiros milagres. Mas, embora tenhamos

resistido do ponto de vista político e militar, como Estado, não chegamos à criação de uma sociedade socialista e nem sequer nos aproximamos dela... Enquanto nos demais Estados europeus a burguesia se mantiver no Poder, seremos forçados, na luta contra o isolamento econômico, a procurar acordos com o mundo capitalista; ao mesmo tempo, poderemos afirmar com certeza que esses acordos, no melhor dos casos, podem ajudar-nos a cicatrizar uma ou outra ferida econômica, a dar um ou outro passo à frente, mas um ascenso efetivo da economia socialista na Rússia não será possível senão depois da vitória do proletariado nos principais países da Europa”. Assim se exprime Trotski, pecando de modo evidente contra a realidade e obstinando-se a querer salvar a “revolução permanente” do naufrágio definitivo.

Resulta, por conseguinte, que, por mais que se diga e se faça, não somente “não chegamos à criação de uma sociedade socialista, mas nem sequer nos aproximamos dela”. Segundo parece, alguém depositava esperança nos “acordos com o mundo capitalista”, mas também desses acordos, ao que tudo indica, nada sai, pois, por mais que se diga e se faça, “um ascenso efetivo da economia socialista” não será obtido enquanto o proletariado não tiver vencido “nos principais países da Europa”.

Ora, como ainda não se alcançou a vitória no Ocidente, à revolução russa não resta senão um “dilema”: ou apodrecer em vida, ou degenerar em Estado burguês.

Não é por acaso que há dois anos Trotski fala em “degeneração” do nosso Partido.

Não é por acaso que há um ano Trotski prognosticava a “ruína” do nosso país.

Como conciliar esta estranha “teoria” com a teoria de Lênin da “vitória do socialismo num só país”?

Como conciliar essa estranha “perspectiva” com a perspectiva de Lênin, segundo a qual a nova política econômica nos permitirá “lançar



as bases da economia socialista”?



Como conciliar essa desesperação “permanente”, por exemplo, com as seguintes palavras de Lênin?

“Hoje, o socialismo já não é um problema de futuro remoto, nem uma visão abstrata ou uma espécie de ícone. Dos ícones continuamos a ter a opinião de antes, uma opinião muito má. Introduzimos o socialismo na vida cotidiana, e é disso que nos devemos ocupar. Eis a tarefa dos nossos dias, eis a tarefa da nossa época. Permiti-me que termine manifestando a certeza de que, por mais difícil que seja esta tarefa e por mais nova que seja em relação às nossas tarefas anteriores, e por mais numerosas que sejam as dificuldades que nos traga, todos nós, juntos, não amanhã, mas em alguns anos, todos nós cumprimos esta tarefa a qualquer custo, de modo que a Rússia da N.E.P. se torne a Rússia socialista”. (Vide vol. XXVII, pág. 366).

Como, por exemplo, conciliar essa “permanente” falta de perspectiva de Trotski com as seguintes palavras de Lênin?

“Com efeito, todos os grandes meios de produção em poder do Estado e o Poder do Estado nas mãos do proletariado; a aliança deste proletariado com milhões e milhões de camponeses pobres e paupérrimos; a garantia da direção dos camponeses pelo proletariado, etc. não é acaso isto tudo aquilo de que se necessita para edificar a sociedade

socialista completa, com a cooperação, somente com a cooperação, que antes considerávamos de alto a baixo como mercantilista e que agora, durante a N.E.P., temos ainda o direito, em certo sentido, de considerar do mesmo modo; não é acaso tudo isso aquilo de que precisamos para levar a termo a construção de uma sociedade socialista completa? Esta não é ainda a construção da sociedade socialista, mas representa o necessário e suficiente para levar a cabo a construção”. (Vide vol. XXVII, pág. 392).

É evidente que tudo isso não se concilia nem se pode conciliar. A “revolução permanente” de Trotski é a negação da teoria leninista da revolução proletária e, inversamente, a teoria leninista da revolução proletária é a negação da teoria da “revolução permanente”.

A falta de confiança nas forças e na capacidade da nossa revolução, a falta de confiança nas forças e na capacidade do proletariado russo: tal é a essência da “revolução permanente”.

Até agora costumava-se pôr em relevo *apenas um* lado da teoria da “revolução permanente”: a falta de confiança nas possibilidades revolucionárias do movimento camponês. Agora, para sermos justos, precisamos juntar a esse lado um *outro*; a falta de confiança nas forças e na capacidade do proletariado da Rússia.

Em que difere a teoria de Trotski da teoria corrente do menchevismo, segundo a qual a vitória do socialismo num só país, e por sinal num país atrasado, é impossível sem a vitória prévia da vitória da revolução proletária “nos principais países da Europa Ocidental”?

Em nada, substancialmente.

Não há dúvida: a teoria da “revolução permanente” de Trotski é uma variedade do menchevismo.

Ultimamente, tem aparecido na nossa imprensa diplomatas apodrecidos, que se esforçam por fazer passar a teoria da “revolução permanente” como alguma coisa de compatível com o leninismo. Certamente, dizem eles, esta teoria revelou-se inútil em 1905. Mas o erro de Trotski consiste em ter-se adiantado, então, procurando aplicar à situação de 1905 o que naquele período não podia encontrar aplicação. Em seguida, porém, acrescentam em outubro de 1917, por exemplo, quando a revolução estava plenamente madura, a teoria de Trotski estava inteiramente no seu lugar. Não é difícil adivinhar que o principal desses diplomatas é Radek. Ouçam o que diz:

“A guerra abriu um abismo entre os camponeses,

que aspiram a conquista da terra e da paz, e os partidos pequeno-burgueses; a guerra pôs os camponeses sob a direção da classe operária e da sua vanguarda, o Partido bolchevique. O que se tornou possível já não é a ditadura da classe operária e dos camponeses; mas a ditadura da classe operária apoiada pelos camponeses. O que Rosa Luxemburgo e Trotski defendiam, em 1905, contra Lênin (isto é, a “revolução permanente”, J. St.) se transformou, com efeito, na segunda etapa do processo histórico”.

Cada uma dessas palavras é uma falsidade. É falso que durante a guerra “o que se tornou possível já não é a ditadura da classe operária e dos camponeses, mas a ditadura da classe operária apoiada pelos camponeses”. Na realidade, a revolução de fevereiro de 1917 foi a realização da ditadura do proletariado e dos camponeses, entrelaçada de modo original com a ditadura da burguesia.

É falso que a teoria da “revolução permanente”,

da qual Radek, envergonhado, não fala, tenha sido formulada em 1905 por Rosa Luxemburgo e por Trotski. Na realidade, essa teoria foi formulada por Parvus e por Trotski. Agora, dez meses depois, Radek se emenda e considera necessário censurar Parvus pela “revolução permanente”. Mas a justiça exige que as censuras de Radek também alcancem Trotski, o parceiro de Parvus.

É falso que a “revolução permanente”, refutada pela revolução de 1905, tenha se revelado justa “na segunda etapa do processo histórico”, isto é, durante a Revolução de Outubro. Todo o curso da Revolução de Outubro, todo o seu desenvolvimento mostrou e demonstrou a inconsistência total da teoria da “revolução permanente”, a sua incompatibilidade total com os princípios do leninismo.

Os discursos melífluos e a diplomacia apodrecida não conseguem fechar o abismo que separa a teoria da “revolução permanente” do leninismo.

III. Algumas particularidades da tática dos bolcheviques no período da preparação de Outubro

Para compreender a tática dos bolcheviques no período da preparação de Outubro é necessário conhecer, pelo menos, algumas particularidades sumamente importantes desta tática. Isto é tanto mais necessário, porquanto numerosos folhetos sobre a tática dos bolcheviques fazem silêncio justamente sobre estas particularidades.

Quais são essas particularidades?

Primeira particularidade: Ouvindo-se Trotski poder-se-ia crer que na história da preparação de Outubro, existem tão-só dois períodos: o período de reconhecimento e o período da insurreição, e que o que sobra disso seria obra do diabo. Que foi a manifestação de abril de 1917? “A manifestação de abril, que pendeu mais “para a esquerda” do que o necessário, foi um reconhecimento de exploradores



para sondar o estado de espírito das massas e as relações entre elas e a maioria dos Soviets”. E que foi a manifestação de julho de 1917? Segundo Trotski, “no fundo, também desta vez tudo se reduz a um novo e mais amplo reconhecimento, numa etapa nova e mais alta do movimento”. É supérfluo dizer que a manifestação de junho de 1917, organizada por insistência do nosso Partido, com maior razão deve ser qualificada, segundo Trotski, de “reconhecimento”.

Daí se conclui, por conseguinte, que, em março de 1917, os bolcheviques tinham, já preparado, um exército político de operários e camponeses e que, se não foi empregado para a insurreição nem em abril, nem em junho, nem em julho, limitando-se a fazer “reconhecimentos”, foi porque e somente porque “esses reconhecimentos”

ainda não produziam "indícios" favoráveis.

É desnecessário dizer que essa concepção simplista da tática política do nosso Partido não passa da confusão da tática militar comum com a tática revolucionária dos bolcheviques.

Na realidade, todas aquelas manifestações foram, antes de tudo, resultado de um impulso espontâneo das massas, resultado da indignação das massas contra a guerra, indignação que estourava em manifestações de rua.

Na realidade, o papel do Partido consistia, então, em dar à ação das massas, que surgia de modo espontâneo, uma organização e uma direção que correspondessem às palavras de ordem revolucionárias dos bolcheviques.

Na realidade, os bolcheviques não dispunham nem poderiam dispor, em março de 1917, de um exército político já preparado. Os bolcheviques foram formando esse exército (e este trabalho chega ao fim em outubro de 1917) no curso da luta e dos conflitos de classe, de abril a outubro de 1917; formaram-no passando pela manifestação de abril e pelas manifestações de junho e julho, através das eleições para as Dumas distritais e urbanas, através da luta contra Kornilov e da conquista dos Soviets. Um exército político não é um exército de soldados. Enquanto o comando militar entra em guerra com um exército já formado, o Partido deve constituir o seu exército no curso da própria luta, no curso dos conflitos de classe, à medida que as próprias massas se dão conta, pela sua experiência, da justeza das palavras de ordem do Partido, da justeza da sua política.

É evidente que cada uma dessas manifestações lançava, ao mesmo tempo, certa luz sobre as correlações de forças que não se percebiam à primeira vista e era uma espécie de reconhecimento; mas o reconhecimento não era o motivo da manifestação, e sim o seu resultado natural.

Analisando os acontecimentos que precederam a insurreição de outubro e confrontando-os com os de abril-julho, disse Lênin:

"Hoje, as coisas não mais estão como antes do 20 e do 21 de abril, do 9 de junho, do 3 de julho, porque havia então uma efervescência espontânea que nós, como partido, ou não percebíamos (20 de abril) ou refreávamos, dando-lhe a forma de manifestação pacífica (9 de junho e 3 de julho). Sabíamos, perfeitamente, naqueles momentos, que os Soviets ainda não eram nossos, que os camponeses *ainda* acreditavam no método Líber-Dan-Tchérnov e não no método bolchevique (a insurreição), que nós não

podíamos, por isso, contar com a maioria do povo e que, por conseguinte, a insurreição teria sido prematura". (Vide vol. XXI, pág. 345).

É claro que só com "reconhecimentos" não se vai longe.



Trata-se, evidentemente, não de "reconhecimentos", mas de que:

1) durante todo o período da preparação de Outubro, o Partido, na sua luta, se apoiou constantemente no auge espontâneo do movimento revolucionário das massas;

2) ao apoiar-se neste auge espontâneo, o Partido conservava nas suas mãos, indivisa, a direção do movimento;

3) tal direção do movimento lhe facilitava a formação de um exército político de massas para a insurreição de Outubro;

4) tal política não podia deixar de ter como consequência que toda a preparação de Outubro se desenvolvesse sob a direção de *um só* partido, o Partido bolchevique;

5) tal preparação de Outubro, por sua vez, tinha como consequência que o Poder ficasse, como resultado da insurreição de Outubro, nas mãos de *um só* partido, o Partido bolchevique.

Portanto, a direção total por parte de *um só*

partido, do Partido Comunista, como elemento fundamental da preparação de Outubro: eis um dos traços característicos da Revolução de Outubro, tal é a primeira particularidade da tática dos bolcheviques no período da preparação de Outubro.

Não é necessário demonstrar que, sem esta particularidade da tática dos bolcheviques, a vitória da ditadura do proletariado, nas condições do imperialismo, teria sido impossível.

Nisso a Revolução de Outubro se distingue com vantagem da revolução de 1871, na França, onde a direção da revolução foi dividida entre dois partidos, nenhum dos quais se podia qualificar de Partido Comunista.

Segunda particularidade: A preparação de Outubro se processou, pois, sob a direção de um só partido, o Partido bolchevique. Mas como exerceu o Partido esta direção, qual foi a sua linha? Esta direção seguiu a linha do isolamento dos partidos **conciliadores**, considerados como os grupos mais perigosos no período de desencadeamento da revolução, a linha do isolamento dos social-revolucionários e dos mencheviques.



Em que consiste a regra estratégica fundamental do leninismo? Consiste em reconhecer que:

1) no período em que se aproxima o momento de desencadear a revolução, os partidos **conciliadores** constituem o mais perigoso sustentáculo social dos inimigos da revolução;

2) é impossível derrotar o inimigo (o tzarismo e a burguesia) sem ter isolado esses partidos;

3) por conseguinte, no período preparatório da revolução os golpes principais devem visar ao isolamento desses partidos, a afastar deles as grandes massas trabalhadoras.

No período da luta contra o tzarismo, no período da preparação da revolução democrático-burguesa (1905-1916), o mais perigoso sustentáculo social do tzarismo era o partido liberal-monárquico, o

partido dos democrata-constitucionalistas. Por quê? Porque era um partido conciliador, o partido da **conciliação** entre o tzarismo e a maioria do povo, isto é, os camponeses no seu conjunto. Era natural, portanto, que então, o nosso Partido dirigisse os seus golpes principais contra os democratas-constitucionalistas, pois, sem o isolamento destes, não se poderia contar com a **ruptura** dos camponeses com o tzarismo e, sem assegurar essa ruptura, não se poderia contar com a vitória da revolução. Muitos não compreendiam, então, esta particularidade da estratégia dos bolcheviques e acusavam os bolcheviques de "ódio excessivo" aos democratas-constitucionalistas, afirmando que para os bolcheviques a luta contra esse grupo "punha em segundo plano" a luta contra o inimigo principal, contra o tzarismo. Mas aquelas acusações, infundadas como eram, revelavam uma absoluta incompreensão da estratégia bolchevique, a qual exigia o isolamento do partido conciliador **com o objetivo** de tornar mais fácil, de tornar mais próxima a vitória sobre o inimigo principal.

Não é necessário demonstrar que, sem aquela estratégia, a hegemonia do proletariado na revolução democrático-burguesa teria sido impossível.

No período da preparação de Outubro o centro de gravidade das forças em luta se deslocara para um novo terreno. Não havia mais o tzar.

O Partido Democrata-Constitucionalista se convertera de força conciliadora em força de governo, força dominante do imperialismo. A luta não mais se desenvolvia entre o tzarismo e o povo, mas entre a burguesia e o proletariado. Naquele período o mais perigoso sustentáculo social do imperialismo eram os partidos democratas pequeno-burgueses, os partidos social-revolucionário e menchevique. Por quê? Porque esses partidos eram, então, os partidos conciliadores, os partidos da **conciliação** entre o imperialismo e as massas trabalhadoras. Era natural, por conseguinte, que os golpes principais dos bolcheviques visassem, então, esses partidos, pois, sem o seu isolamento, não se podia contar com a **ruptura** das massas trabalhadoras com o imperialismo e, sem assegurar essa ruptura, não se podia contar com a vitória da revolução soviética. Muitos não compreendiam, então, esta particularidade da tática bolchevique, acusando os bolcheviques de nutrir "ódio excessivo" contra os social-revolucionários e os mencheviques e de "esquecer" o objetivo principal. Mas todo o período da preparação de Outubro demonstra claramente que, somente graças a esta tática, os bolcheviques

puderam assegurar a vitória da Revolução de Outubro.

O traço característico desse período consiste em que o espírito das massas trabalhadoras camponesas se torna mais revolucionário, em que elas perdem as suas ilusões a respeito dos social-revolucionários e dos mencheviques, abandonam estes partidos e dão uma virada, agrupando-se diretamente em torno do proletariado, a única força revolucionária até o fim, a única força capaz de dar a paz ao país. A história desse período é a história da luta entre os social-revolucionários e os mencheviques, de um lado, e os bolcheviques, de outro, pelas massas trabalhadoras camponesas, pela conquista destas massas. A sorte desta luta foi decidida pelo período da coalizão, pelo período do governo de Kerensky, pela recusa dos social-revolucionários e dos mencheviques a confiscar as terras dos latifundiários, pela luta dos social-revolucionários e dos mencheviques em favor do prosseguimento da guerra, pela ofensiva de junho na frente, pela pena de morte para os soldados, pela revolta de Kornilov. E foi decidida exclusivamente a favor da estratégia bolchevique. Com efeito, sem o isolamento dos social-revolucionários e dos mencheviques, seria impossível derrubar o governo dos imperialistas e, sem derrubar o governo dos imperialistas, seria impossível sair da guerra. A política de isolamento dos social-revolucionários e dos mencheviques revelou-se a única política justa.

Portanto, o isolamento dos partidos mencheviques e social-revolucionários como linha principal de direção da preparação de Outubro: tal é a segunda particularidade da tática dos bolcheviques.

Não é preciso demonstrar que, sem essa particularidade da tática dos bolcheviques, a aliança da classe operária e das massas trabalhadoras camponesas teria ficado no vazio.

É significativo que Trotski, nas suas "Lições de Outubro", não diga nada, ou quase nada, dessa particularidade da tática bolchevique.

Terceira particularidade: A direção do Partido na preparação de Outubro seguia, pois, a linha do isolamento dos partidos social-revolucionário e menchevique, a linha do afastamento das grandes massas operárias e camponesas desses partidos. Mas como, concretamente, de que forma, com que palavras de ordem o Partido conseguia levar a cabo esse isolamento? Levava-o a cabo mediante um movimento revolucionário das massas pelo Poder dos Soviets, sob a palavra de ordem: "Todo o Poder aos Soviets!", lutando pela transformação

dos Soviets, de órgãos de mobilização das massas, em órgãos da insurreição, em órgãos de Poder, em aparelho do novo Estado proletário.

Por que os bolcheviques se aferraram precisamente aos Soviets, nos quais viam a alavanca fundamental de organização, que tornava mais fácil o isolamento dos mencheviques e dos social-revolucionários, que fazia progredir a causa da revolução proletária e se destinava a levar as massas de milhões e milhões de trabalhadores à vitória da ditadura do proletariado?

Que são os Soviets?



"Os Soviets – dizia Lênin, já em setembro de 1917 – constituem um aparelho de Estado que, em primeiro lugar, cria a força armada dos operários e dos camponeses, não separada do povo, como o velho exército permanente, mas estreitamente ligada ao povo, incomparavelmente mais poderosa do que o velho exército, do ponto de vista militar, e insubstituível, do ponto de vista revolucionário. Em segundo lugar, este aparelho estabelece com as massas, com a maioria do povo, laços tão estreitos, tão facilmente controláveis e renováveis, que em vão se procuraria algo de semelhante no velho

aparelho estatal. Em terceiro lugar, este aparelho, graças ao fato de que os seus funcionários são elegíveis e revogáveis, segundo a vontade do povo e sem formalidades burocráticas, é infinitamente mais democrático do que todos os aparelhos anteriores. Em quarto lugar, assegura a existência de fortes laços com as profissões mais diversas, facilitando, assim, a aplicação das reformas mais variadas e profundas, sem burocracia de espécie alguma. Em quinto lugar, é a forma de organização da vanguarda dos operários e dos camponeses – isto é, da parte mais consciente, mais enérgica e mais progressista das classes *oprimidas* – e permite, por isso, à vanguarda elevar, instruir, educar e guiar toda a *massa gigantesca* dessas classes, que até agora permanecia inteiramente fora da vida política e da história. Em sexto lugar, permite unir as vantagens do parlamentarismo com as da democracia direta e imediata, isto é, reunir na pessoa dos representantes eleitos do povo o Poder Legislativo e o **Poder Executivo**. Em comparação com o parlamentarismo burguês, isto é um progresso de importância histórica mundial no desenvolvimento da democracia... Se a força criadora popular das classes revolucionárias não tivesse gerado os Soviets, a revolução proletária na Rússia se veria condenada ao fracasso, pois o proletariado não teria podido conservar o Poder com o velho aparelho estatal, e não se pode criar de golpe um novo aparelho". (Vide vol. XXI, págs. 258-259).



Por isso, os bolcheviques se aferraram aos Soviets, em que viam o elo orgânico fundamental, que facilitava a organização da revolução de Outubro e a criação de um novo e poderoso aparelho, o aparelho do Estado proletário.

A palavra de ordem: "Todo o Poder aos Soviets!", do ponto de vista do seu desenvolvimento intrínseco, atravessou duas fases: a primeira (até a derrota dos bolcheviques em julho, durante o período do

dualismo de poderes) e a segunda (depois da derrota da revolta de Kornilov).

Na primeira fase, essa palavra de ordem significava: ruptura do bloco dos mencheviques e dos social-revolucionários com os democratas-constitucionalistas, formação de um governo soviético composto de mencheviques e de social-revolucionários (porque os soviets eram então social-revolucionários e mencheviques), liberdade de agitação para a oposição (isto é, para os bolcheviques) e liberdade de luta dos partidos no seio dos Soviets, na esperança de que esta luta permitiria aos bolcheviques a conquista dos Soviets e à modificação da composição do governo soviético mediante um desenvolvimento pacífico da revolução. Esse plano não significava, naturalmente, a ditadura do proletariado, mas facilitava, sem dúvida, a preparação das condições indispensáveis para assegurar a mesma ditadura, pois, levando ao Poder os mencheviques e os social-revolucionários e obrigando-os a por em prática a sua plataforma anti-revolucionária, se acelerava o desmascaramento da verdadeira natureza desses partidos, se acelerava o seu isolamento, o seu afastamento das massas. A súbita derrota dos bolcheviques em julho conteve, porém, esse desenvolvimento, deu estímulo à contra-revolução dos generais e dos democratas-constitucionalistas e lançou nos seus braços os social-revolucionários e os mencheviques. Esta circunstância levou o Partido a retirar momentaneamente a palavra de ordem: "Todo o Poder aos Soviets!", para lançá-la de novo em um novo período ascendente da revolução.

A derrota da insurreição de Kornilov abre a segunda fase. A palavra de ordem: "Todo o Poder aos Soviets!" foi de novo posta na ordem do dia. Mas, então, esta palavra de ordem não tinha mais o mesmo significado que na primeira fase. O seu conteúdo havia mudado de forma radical. Agora, esta palavra de ordem significava: ruptura completa com o imperialismo e passagem do Poder aos bolcheviques, pois os Soviets já eram bolcheviques na sua maioria. Agora, esta palavra de ordem significava que a revolução abordava diretamente o estabelecimento da ditadura do proletariado mediante a insurreição. Mais: esta palavra de ordem significava agora a organização da ditadura do proletariado, a sua constituição em Estado.

O valor inestimável da tática da transformação dos Soviets em órgãos do Poder estatal consistia no fato de que arrebatava ao imperialismo massas de milhões de trabalhadores, desmascarava os partidos

menchevique e social-revolucionário, como instrumentos do imperialismo, e conduzia essas massas, por assim dizer, por via direta, à ditadura do proletariado.

Assim, pois, a política de transformação dos Soviets em órgãos do Poder estatal, como condição essencial para o isolamento dos partidos conciliadores e pela vitória da ditadura do proletariado: tal é a terceira particularidade da tática dos bolcheviques no período da preparação de Outubro.



Quarta Particularidade: O quadro ficaria incompleto se não examinássemos como e porque os bolcheviques conseguiram transformar as palavras de ordem do seu Partido em palavras de ordem de uma massa de milhões de homens, em palavras de ordem que impulsionavam a revolução; se não examinássemos como e porque os bolcheviques conseguiram convencer da justeza da sua política, não somente a vanguarda e não somente a maioria da classe operária, mas também a maioria do povo.

A verdade é que, para a vitória da revolução, se esta revolução é verdadeiramente popular e abrange massas de milhões de homens, não basta que o Partido tenha palavras de ordem justas. Para a vitória da revolução se requer ainda outra condição indispensável: exige-se que as próprias massas se convençam, pela sua própria experiência, de que

essas palavras de ordem são justas. Somente então as palavras de ordem do Partido se tornam palavras de ordem das próprias massas. Somente então a revolução se torna efetivamente uma revolução popular. Uma das particularidades da tática dos bolcheviques no período da preparação de Outubro é que soube determinar, com justeza, os caminhos e as viradas que levam de um modo natural as massas a identificarem-se com as palavras de ordem do Partido, que as levam, por assim dizer, ao umbral da revolução e, desse modo, tornam mais fácil para elas perceber, comprovar e reconhecer, pela sua própria experiência, a justeza dessas palavras de ordem. Noutros termos, uma das particularidades da tática dos bolcheviques consiste no fato de que ela não confunde a direção do Partido com a direção das massas, de que vê claramente a diferença entre o primeiro e o segundo gênero de direção, de que ela é, por conseguinte, a ciência da direção, não só do Partido, mas também de massas de milhões de trabalhadores.

Exemplo evidente do modo como se manifesta essa particularidade da tática bolchevique é a experiência da convocação e da dissolução da Assembléia Constituinte.

É sabido que os bolcheviques lançaram a palavra de ordem da República dos Soviets já em abril de 1917. É sabido que a Assembléia Constituinte era um parlamento burguês, em contradição flagrante com os princípios da República dos Soviets. Como pôde ocorrer que os bolcheviques, marchando para a República dos Soviets, exigissem, ao mesmo tempo, do governo provisório, a convocação imediata da Assembléia Constituinte? Como pôde ocorrer que os bolcheviques, não somente participassem das eleições, mas eles mesmos convocassem a Assembléia Constituinte? Como pôde ocorrer que os bolcheviques admitissem, um mês antes da insurreição, no momento da passagem do velho ao novo regime, a possibilidade de combinar temporariamente a República dos Soviets com a Assembléia Constituinte?

"Ocorreu" isso porque:

1. a idéia da Assembléia Constituinte era uma das idéias mais populares entre as grandes massas da população;
2. a palavra de ordem da convocação imediata da Assembléia Constituinte tornava mais fácil desmascarar a natureza contra-revolucionária do governo provisório;
3. para desacreditar aos olhos das massas populares a idéia da Assembléia Constituinte,

era necessário levar estas massas até as portas da Assembléia Constituinte com as suas reivindicações sobre a terra, a paz e o Poder dos Soviets, pondo-as em choque, assim, com uma Assembléia Constituinte real e viva;

4. só assim se podia ajudar as massas a se convencerem, pela própria experiência, do caráter contra-revolucionário da Assembléia Constituinte e da necessidade de dissolvê-la;

5. tudo isso, naturalmente, implicava na possibilidade de uma combinação temporária da República dos Soviets e da Assembléia Constituinte, como um dos meios para eliminar a própria Assembléia Constituinte;

6. tal combinação, que se verificava *com* a condição de que todo o Poder passasse aos Soviets, não podia significar senão a submissão da Assembléia Constituinte aos Soviets, a sua transformação em apêndice dos Soviets, a sua

em bancarrota de modo tão clamoroso.

"Participamos – disse Lênin – das eleições para o parlamento burguês da Rússia, para a Assembléia Constituinte, em setembro-novembro de 1917. Era justa ou não a nossa tática?... Porventura, nós, os bolcheviques russos, não tínhamos em setembro-novembro de 1917 mais direito do que todos os comunistas do Ocidente de considerar que o parlamentarismo havia sido superado na Rússia? Naturalmente o tínhamos, pois a questão não reside em que os parlamentos burgueses existem há pouco ou há muito tempo, mas em que as grandes massas trabalhadoras estão *preparadas* (ideológica, política e praticamente) para adotar o regime soviético e dissolver (ou permitir a dissolução) do parlamento democrático-burguês. Que a classe operária das cidades, os soldados e os camponeses da Rússia estavam, em setembro-novembro de 1917, em virtude de uma série de condições particulares, excepcionalmente preparados para adotar o regime soviético e dissolver o parlamento burguês mais democrático, é um fato histórico absolutamente indiscutível e plenamente estabelecido. E, não obstante, os bolcheviques não boicotaram a Assembléia Constituinte, mas participaram das eleições, tanto antes como *depois* da conquista do Poder político pelo proletariado". (Vide vol. XXV, págs. 201 e 202).

E por que os bolcheviques não boicotaram a Assembléia Constituinte? Porque, diz Lênin:

"Mesmo algumas semanas antes da vitória da República dos Soviets e mesmo depois desta vitória, a participação num parlamento democrático-burguês, não só não prejudica o proletário revolucionário, mas lhe permite demonstrar às massas atrasadas porque tais parlamentos merecem ser dissolvidos, facilita o êxito da dissolução, facilita a "superação política" do parlamentarismo burguês". (Vide lugar citado).

É significativo que Trotski não compreenda essa particularidade da tática bolchevique e grunhia contra a "teoria" da combinação da Assembléia Constituinte com os Soviets, chamando-a de teoria à la Hilferding.

Não compreende que admitir, em relação com a convocação da Assembléia Constituinte, uma combinação desse tipo, *enquanto* se lança a palavra de ordem da insurreição e quando é provável a vitória dos Soviets, é a única tática revolucionária, é uma tática que não tem nada a ver com a tática à la Hilferding, a qual tende a transformar os Soviets em apêndice da Assembléia Constituinte.



extinção sem sofrimento.

Não é necessário demonstrar que, sem essa política dos bolcheviques, a dissolução da Assembléia Constituinte não teria sido tão fácil e que a atividade ulterior dos social-revolucionários e dos mencheviques, sob a palavra de ordem: "Todo o Poder à Assembléia Constituinte!" não entraria

Não compreende que o erro cometido por alguns camaradas *nesta* questão não o autoriza a denegrir a posição perfeitamente justa de Lênin e do Partido quanto à possibilidade de um "Poder estatal combinado" *em* determinadas condições. (Vide vol. XXI, págs. 395-397).

Não compreende que, sem a política peculiar dos bolcheviques em relação à Assembléia Constituinte, os bolcheviques não teriam podido colocar sob a sua influência massas populares de milhões de homens e que, se não tivessem conquistado estas massas, não teriam podido transformar a insurreição de Outubro numa profunda revolução popular.

É curioso que Trotski também bufe contra as palavras "povo", "democracia revolucionária", etc., que aparecem nos artigos dos bolcheviques, considerando-as indecorosas para um marxista.

Trotski se esquece, evidentemente, de que Lênin, este marxista autêntico, ainda em setembro de 1917, um mês antes da vitória da ditadura do proletariado, falava da "necessidade da passagem imediata de todo o Poder às mãos *da democracia revolucionária dirigida pelo proletariado revolucionário*". (Vide vol. XXI, pág. 198).

Trotski se esquece, evidentemente, de que Lênin, este marxista autêntico, citando a conhecida carta de Marx a Kugelmann (abril de 1871), em que se diz que a destruição do aparelho burocrático e militar do Estado é condição prévia de toda revolução verdadeiramente *popular* no continente, escreve, com clareza meridiana, as seguintes linhas:

"Merece especial atenção a observação extraordinariamente profunda de Marx, de que a destruição da máquina burocrática e militar do Estado é "a condição preliminar de toda revolução verdadeiramente *popular*. Este conceito de revolução "popular" parece estranho na boca de

Marx, e os adeptos de Plekhanov e os mencheviques russos, esses discípulos de Struve que querem fazer-se passar por marxistas, poderiam talvez dizer que esta expressão de Marx é um "lapso". Deformaram o marxismo de modo tão idiotamente liberal, que nada existe para eles além da antítese: revolução burguesa ou revolução proletária, e mesmo esta antítese é por eles concebida do modo mais escolástico que se pode imaginar... Na Europa de 1871, o proletariado não constituía a maioria em nenhum país do continente. Uma revolução só podia ser "popular", só podia por em movimento a maioria efetiva, se englobasse o proletariado e os camponeses. Estas duas classes constituíam então o "povo". Estas duas classes se unem pelo fato de que a "máquina burocrática e militar do Estado" as oprime, escraviza e explora. *Destruir* esta máquina, *demoli-la* eis o que aconselham os verdadeiros interesses do povo, da maioria do povo, dos operários e da maioria dos camponeses, eis a "condição prévia" da livre aliança dos camponeses pobres com os proletários. Sem esta aliança não é possível uma democracia sólida, não é possível uma transformação socialista". (Vide vol. XXI, págs. 395-396).

Estas palavras de Lênin não devem ser esquecidas.

Assim, pois, a capacidade de convencer as massas, pela sua própria experiência, de que as palavras de ordem do Partido são justas, levando estas massas a ocupar posições revolucionárias, como condição essencial para colocar sob a influência do Partido milhões de trabalhadores: tal é a quarta particularidade da tática dos bolcheviques no período da preparação de Outubro.

Creio que o que ficou dito é suficiente para esclarecer os traços característicos desta tática.

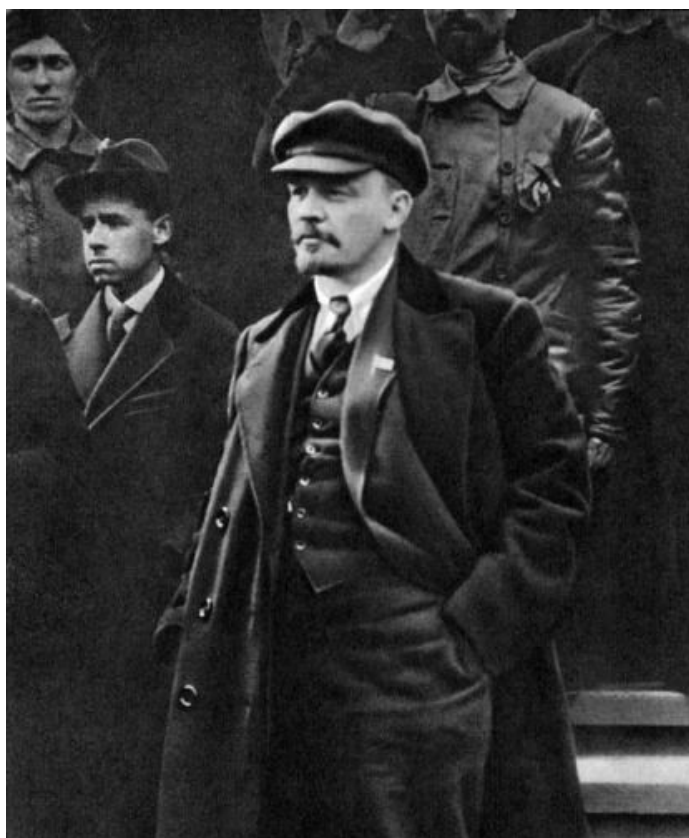


IV. A Revolução de Outubro, Início e Premissa da Revolução Mundial

Não há dúvida de que a teoria universal da vitória simultânea da revolução nos principais países da Europa, a teoria da impossibilidade da vitória do socialismo num só país, demonstrou ser uma teoria artificial, impraticável. Os sete anos de história da revolução proletária na Rússia não falam em favor dessa teoria, mas contra ela. Essa teoria é inaceitável, não somente como esquema do desenvolvimento da revolução mundial, porque contraria fatos evidentes; ela é ainda mais inaceitável como palavra de ordem, porque encadeia, ao invés de estimular, a iniciativa dos diversos países que, em virtude de determinadas condições históricas, teriam a possibilidade de romper por si mesmos a frente do capital, porque não estimula esses países a empreender uma ofensiva enérgica contra o capital, mas os deixa passivamente à espera do momento do "desmoronamento geral", porque não cultiva nos proletários de diferentes países um estado de espírito decididamente revolucionário, mas as dúvidas de Hamlet: "E se os outros não nos apoiarem?" Lênin tem toda razão quando diz que a vitória do proletariado num só país é "a regra" e que "uma revolução simultânea em vários países" só pode ocorrer como "rara exceção". (Vide vol. XXIII, pág. 354).

Mas a teoria leninista da revolução não se limita, como é sabido, a esse aspecto da questão. É, ao mesmo tempo, a teoria do desenvolvimento da revolução mundial.⁽²⁾ A vitória do socialismo num só país não constitui um fim em si mesma. A revolução vitoriosa num país não deve ser considerada como entidade autônoma, mas como uma contribuição, como um meio *para* acelerar a vitória do proletariado em todos os países. Porque a vitória da revolução num só país, neste caso na Rússia, não é somente o resultado do desenvolvimento desigual e da desagregação progressiva do imperialismo. E, ao mesmo tempo, o início e a premissa da revolução mundial.

É indubitável que as vias do desenvolvimento da revolução mundial não são tão simples como poderiam parecer antes da vitória da revolução num só país, antes do aparecimento do imperialismo desenvolvido, que é a "antecâmara da revolução socialista". Apareceu, com efeito, um novo fator: a lei do desenvolvimento desigual dos países capitalistas, lei que atua nas condições do imperialismo desenvolvido, lei que



afirma a inevitabilidade dos conflitos armados, o debilitamento geral da frente mundial do capital e a possibilidade da vitória do socialismo em países isolados. Apareceu, com efeito, um novo fator: o imenso país dos Soviets, situado entre o Ocidente e o Oriente, entre o centro da exploração financeira do mundo e a arena da opressão colonial, e este país, pelo simples fato de existir estimula a revolução no mundo inteiro.

Esses fatores (para não citar outros, menos importantes), não podem ser esquecidos no estudo das vias do desenvolvimento da revolução mundial.

Antes, costumava-se supor que a revolução se iria desenvolvendo através de um "amadurecimento" regular dos elementos de socialismo, começando pelos países mais evoluídos, pelos países "avançados". Agora, esta concepção exige modificações substanciais.

"O sistema das relações internacionais – disse Lênin – assumiu hoje uma forma tal, que um dos Estados da Europa, a Alemanha, acha-se avassalado pelos Estados vencedores. Por outro lado, diversos Estados entre os mais antigos do Ocidente, tendo vencido a guerra, acham-se em condições de aproveitar a vitória para fazer às suas classes oprimidas uma série de concessões que,

embora pouco importantes, retardam o movimento revolucionário e criam uma aparência de "paz social".

Ao mesmo tempo, muitos outros países – o Oriente, a Índia, a China, etc. – em virtude, precisamente, da última guerra imperialista, foram em definitivo postos fora da sua rotina. O seu desenvolvimento se ajustou definitivamente ao desenvolvimento do capitalismo europeu. Iniciou-se, neles, um processo de fermentação semelhante ao que se observa na Europa. E é agora claro para o mundo inteiro que eles entraram num processo de desenvolvimento que não pode levar senão a uma crise do capitalismo mundial no seu conjunto".

Por isso, e em relação com esses fatos, "os países capitalistas da Europa Ocidental levarão a termo a sua evolução para o socialismo... não como esperávamos anteriormente. Não o levam a termo por um processo gradual de "amadurecimento" do socialismo no seu seio, mas mediante a exploração de uns Estados por outros, mediante a exploração do primeiro Estado vencido na guerra imperialista, unida à exploração de todo o Oriente. Mas o Oriente, por outro lado entrou definitivamente no momento revolucionário, justamente após esta primeira guerra imperialista, vendo-se definitivamente arrastado à órbita geral do movimento revolucionário mundial. (Vide vol. XXVII, págs. 415-416).

Se se acrescenta a isto o fato de que não só os países vencidos e as colônias são explorados pelos países vencedores, mas que uma parte dos países vencedores cai na órbita da exploração financeira dos Estados vencedores mais poderosos, os Estados Unidos e a Inglaterra; o fato de que as contradições entre esses países constituem um importantíssimo fator da decomposição do imperialismo mundial; o fato de que, além dessas contradições existem e se desenvolvem outras contradições muito profundas no seio de cada um desses países; o fato de que todas estas contradições se aprofundam e se agravam pelo fato de existir, ao lado desses países, a grande República dos Soviets; se levarmos tudo isso em consideração, teremos um quadro mais ou menos completo dos elementos característicos da situação internacional.

O mais provável é que a revolução mundial se desenvolva mediante o desligamento

revolucionário de uma série de países do sistema dos Estados imperialistas e o apoio aos proletários desses países, por parte do proletariado dos Estados imperialistas. Vemos que o primeiro país que se desligou, o primeiro país vitorioso, já conta com o apoio das massas operárias e trabalhadoras dos outros países. Sem este apoio, ele não poderia manter-se. É indubitável que este apoio se irá fortalecendo e desenvolvendo, mas é também fora de dúvida que o próprio desenvolvimento da revolução mundial, o próprio processo de desligamento do imperialismo por parte de uma série de novos países, será tanto mais rápido e profundo quanto mais profundamente o socialismo se consolidar no primeiro país vitorioso, quanto mais rapidamente este país se tornar a base de um ulterior desenvolvimento da revolução mundial, a alavanca de um ulterior esfacelamento do imperialismo.

Se é justa a tese de que a vitória **definitiva** do socialismo, no primeiro país a se libertar, é impossível sem os esforços comuns dos proletários de vários países, não é menos verdadeiro que a revolução mundial se desenvolverá tanto mais rápida e profundamente quanto mais eficaz for a ajuda do primeiro país socialista às massas operárias e trabalhadoras de todos os outros países.

Em que deve consistir essa ajuda?

Em primeiro lugar, no fato de que o país vitorioso realize "o máximo realizável num só país **para** desenvolver, apoiar, e despertar a revolução **em todos os países**". (Vide Lênin, vol. XXIII, pág. 385).

Em segundo lugar, no fato de que "o proletariado vitorioso" de um país, "depois de expropriar os capitalistas e de organizar no seu país a produção



socialista", se subleve "**contra** o resto do mundo capitalista, atraindo para o seu lado as classes oprimidas dos outros países, estimulando-as à insurreição contra os capitalistas, intervindo, caso necessário, até mesmo com a força das armas contra as classes exploradoras e os seus Estados" (Vide Lênin vol. XVIII, págs. 232-233).

A particularidade característica dessa ajuda do país vitorioso é que não somente ele acelera a vitória dos proletários dos outros países, mas, ao tornar mais fácil esta vitória, assegura também a vitória **definitiva** do socialismo no primeiro país vitorioso.

O mais provável é que, no curso do desenvolvimento da revolução mundial, se formem, ao lado dos focos de imperialismo em diferentes países capitalistas e ao lado do sistema desses países no mundo inteiro, focos de socialismo em diferentes países soviéticos e um sistema desses focos no mundo inteiro, e que a luta entre esses dois sistemas encha a história do desenvolvimento da revolução mundial.

"Com efeito – disse Lênin – a livre união das nações no socialismo é impossível sem uma luta encarniçada, mais ou menos longa, das repúblicas socialistas contra os Estados atrasados".

A importância mundial da Revolução de Outubro não consiste somente no fato de que ela representa uma grande iniciativa de um só país para romper o sistema imperialista, de que constitui o primeiro foco de socialismo no oceano dos países imperialistas, mas também no fato de que é a primeira etapa da revolução mundial e uma poderosa base do seu desenvolvimento ulterior.

Por isso não erram apenas os que, esquecendo-se do caráter internacional da Revolução de Outubro, afirmam que a vitória da revolução num só país é um fenômeno exclusivamente nacional e nada mais

do que nacional. Erram também os que, sem se esquecerem do caráter internacional da Revolução de Outubro, tendem a considerá-la como alguma coisa de passivo, destinada apenas a receber ajuda do exterior. Na realidade, não só a Revolução precisa do apoio da revolução dos outros países, mas ao mesmo tempo a revolução desses países precisa do apoio da Revolução de Outubro para acelerar e impulsionar a obra da derrocada do imperialismo mundial.



Notas:

(*) Prefácio ao livro "Caminho de Outubro"

(1) Todos os grifos são do autor

(2) Conforme "Princípios do leninismo" (J. Stálin).



MEPR
Brasil - 2017